

Contribuições da terapia assistida por animais as crianças com transtorno do espectro autista: perspectivas de pais e profissionais

Contributions of animal-assisted therapy and children with autism spectrum disorder: perspectives from parents and professionals

Aportes de la terapia asistida con animales y niños con trastorno del espectro autista: perspectivas de padres y profesionales

Recebido: 31/03/2022 | Revisado: 07/04/2022 | Aceito: 11/04/2022 | Publicado: 15/04/2022

Arely Tereza Cavalieri Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4607-9378>
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Brasil
E-mail: arelytcavalieri@gmail.com

Vanessa Talia Jost

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9214-8720>
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Brasil
E-mail: vanessafranck@hotmail.com

Ana Paula Souza Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6399-5218>
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Brasil
E-mail: paulapsi.santos@gmail.com

Beatriz Cristina de Jesus

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4887-1138>
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Brasil
E-mail: beatrizcristinadejesus25@gmail.com

Monica Augusta Mombelli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9675-0791>
Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, Brasil
E-mail: psicmonicamombelli@gmail.com

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma desordem neurológica que afeta o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças. O presente estudo teve como objetivo identificar a percepção de pais e profissionais sobre o uso da Terapia Assistida por Animais (TAA) como recurso terapêutico nas intervenções com crianças com TEA. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado por meio de um questionário, que foi aplicado a pais e profissionais que possuem experiência na realização de atendimento com animais coterapeutas. Participaram do estudo oito pais de crianças com TEA, com idades entre três e onze anos, que realizam terapia com animais a mais de um ano, e sete profissionais, dentre eles, psicólogos, fisioterapeutas, pedagogo e psicopedagogo. Os resultados apontam que a TAA tem grande potencial como recurso terapêutico na redução de sintomas autísticos em relação a comunicação, interação social e afetividade, apresentando mudanças comportamentais após a realização das sessões e da interação com o animal, na perspectiva de pais e profissionais. Deste modo, este estudo contribui ao avanço científico, a qualidade de vida e bem-estar de pessoas com TEA seus familiares e, oferece informações a profissionais que atuam com este grupo específico.

Palavras-chave: Psicologia; Criança; Família; Promoção da Saúde.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurological disorder that affects the neuropsychomotor development of children. The present study aims to identify the perception of parents and professionals about the use of Animal Assisted Therapy (AAT) as a therapeutic resource in interventions with children with ASD. This is a qualitative study, using a questionnaire, which was applied to parents and professionals with experience in caring for animal co-therapists. The study included eight parents of children with ASD aged between three and eleven years, who have been undergoing therapy with animals for more than a year, and seven professionals, including psychologists, physiotherapists, pedagogues and psychopedagogues. The results suggest that AAT has great potential as a therapeutic resource in reducing autistic symptoms in relation to communication, social interaction and affection, presenting behavioral changes after sessions and interaction with animals, from the perspective of parents and professionals. In this way, this study contributes to scientific advancement, the quality of life and well-being of people with ASD and their family members, and offers information to professionals who work with this specific group.

Keywords: Psychology; Child; Family; Health Promotion.

Resumen

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es un trastorno neurológico que afecta el desarrollo neuropsicomotor de los niños. El presente estudio tiene como objetivo identificar la percepción de padres y de los profesionales sobre el uso de la Terapia Asistida por Animales (TAA) como recurso terapéutico en intervenciones con niños con TEA. Se trata de un estudio cualitativo, realizado a través de un cuestionario, aplicado a padres y profesionales con experiencia en el cuidado de animales coterapeutas. Participaron del estudio ocho padres de niños con TEA, con edades entre tres y once años, que están en terapia con animales desde hace más de un año, y siete profesionales, entre psicólogos, fisioterapeutas, pedagogos y psicopedagogos. Los resultados sugieren que la TAA tiene un gran potencial como recurso terapéutico en la reducción de los síntomas autistas en relación con la comunicación, la interacción social y el afecto, presentando cambios conductuales después de las sesiones y de la interacción con animales, desde la perspectiva de padres y profesionales. De esta forma, este estudio contribuye al avance científico, a la calidad de vida y al bienestar de las personas con TEA y sus familias, y aporta información a los profesionales que trabajan con este colectivo específico.

Palabras clave: Psicología; Niño; Familia; Promoción de la Salud.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como uma desordem neurológica, e a pessoa pode apresentar déficits significativos na comunicação, socialização e cognição, o que conseqüentemente afetar o desenvolvimento neuropsicomotor (Cerqueira & Costa, 2019).

De acordo com o DSM-5, as características essenciais que definem o TEA incluem déficits persistentes na comunicação social recíproca e na interação social, bem como a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Sintomas esses, que causam prejuízos significativos no funcionamento diário do indivíduo. Sendo identificados precocemente, no segundo ano de vida, apesar de que alguns indícios mais acentuados possam ser observados ainda nos primeiros 12 meses de idade (American Psychiatric Association [APA], 2014; Portes & Vieira, 2020).

Esse transtorno é geralmente diagnosticado na infância, devido a manifestação de comportamentos diferentes aos correspondentes a faixa etária em comparação a seus pares. Observa-se dificuldade para comunicar-se, estabelecer relacionamentos, expressar-se e, a principal característica é o comportamento repetitivo.

O TEA acomete tanto meninos como meninas, suas manifestações podem variar de acordo com a idade, grau de acometimento e estimulação. Os sintomas caracterizam-se como mais brandos ou mais severos e o diagnóstico é realizado por equipe interprofissional devidamente capacitada para tal.

Existem diversas modalidades de intervenções que podem ser utilizadas como estratégias para amenizar os sintomas inerentes ao TEA e, entre elas está a Terapia Assistida por Animais (TAA), uma técnica de intervenção conhecida a milhares de anos e que vem conquistando espaço em diversas áreas, entre elas a psicoterapia (Marinho & Zamo, 2017). Nesta proposta de intervenção, comumente são utilizados dois animais, o cavalo, na equoterapia e o cão por meio da TAA. As estratégias tem por objetivo auxiliar na recuperação física, emocional, social e cognitiva de crianças e adultos (Vivaldini, 2011).

O interesse de pais e profissionais pelos efeitos estabelecidos na relação entre animais e humanos tem aumentado nos últimos tempos. Estudos apontam a existência de benefícios para a saúde física e mental de pessoas que convivem com animais (Lacerda, 2014; Muñoz, 2014; Roma, 2016; Mandrá, Moretti, Avezum & Kuroishi, 2019). O estímulo e a presença do animal podem controlar o estresse, diminuir a pressão arterial e reduzir riscos de problemas cardíacos (Muñoz, 2014).

Profissionais da saúde buscam utilizar animais como coterapeutas em suas intervenções visando obter mudanças positivas em seus pacientes e sugerindo que a participação deles pode ser útil no tratamento de várias doenças ou transtornos psicológicos em diversas populações, inclusive com crianças com TEA, (Marinho & Zamo, 2017).

Nesta perspectiva, entende-se que o estudo proposto é fundamental, tendo em vista que contribui para conscientização de pais e profissionais, sobre o uso da TAA como recurso terapêutico nas intervenções com crianças com TEA. Considerando

que este transtorno apresenta uma estimativa de crescimento, observa-se a urgência em ampliar suas intervenções. Diante disso, teve como objetivo identificar a percepção de pais e profissionais sobre o uso desta estratégia como recurso terapêutico com crianças com TEA.

2. Metodologia

Estudo qualitativo desenvolvido segundo a *COnsolidated criteria for REporting Qualitative studies* (COREQ) (Souza, Marziale, Silva, & Nascimento, 2021).

Devido a pandemia do COVID-19 e seguindo as orientações sanitárias de distanciamento social, o presente trabalho teve o seguimento de forma *on-line*, tendo as redes sociais como principal meio de comunicação. Esta opção se fez necessária, visto inclusive que muitas instituições locais estavam com seus atendimentos restritos.

Participaram do estudo 18 pais e/ou responsáveis legais e sete profissionais que atuam em intervenções de TAA. A fim de serem incluídos no estudo deveriam: ser pais e ou responsáveis legais de crianças com TEA, na faixa etária entre 3 e 12 anos, que tenham feito ou fazem terapia com animais a mais de 12 meses pelo menos uma vez por mês. E, quanto aos profissionais, estes deveriam atender crianças com diagnóstico de TEA em TAA. Foram excluídos do estudo: pais (e/ou responsáveis legais) de crianças com outros diagnósticos que faziam uso da TAA e profissionais sem conhecimento sobre esta modalidade de intervenção.

O questionário utilizado foi elaborado pelas próprias autoras com base na literatura vigente e, especificamente no instrumento de pesquisa elaborado por Potrich (2019). O formulário disponibilizado aos pais e profissionais apresentou-se com 19 e 12 questões respectivamente. Além de informações sociodemográficas, as perguntas tinham por objetivo identificar os benefícios identificados pela amostra com as sessões em TAA.

O instrumento de coleta de dados disponibilizado aos participantes através do *Google Forms* foi estruturado em três partes: 1) descrição da pesquisa; 2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e 3) questionário. Este, foi divulgado através do link: <https://forms.gle/fxifNpu6NRypHFSdA>, nas redes sociais Facebook, Instagram, grupos do WhatsApp e plataforma e-mail e, ficou disponível entre os meses de agosto e setembro de 2021.

Os dados quantitativos foram analisados através da ferramenta *Microsoft Excel* e estão apresentados em gráficos e tabelas. E, a análise qualitativa dos dados, com o objetivo de compreender as experiências dos participantes ocorreu com a leitura exaustiva das entrevistas, listagem das ideias sobre os dados, classificação dos dados em temas principais, revisão e construção dos resultados. Este processo foi realizado por quatro pesquisadoras, as quais elaboraram uma estrutura de trabalho comparado para concordância e consenso. Em seguida uma quinta pesquisadora experiente (orientadora da pesquisa), revisou e validou a análise realizada anteriormente, e por fim foram explanados sobre os resultados obtidos (Souza, 2019).

Os aspectos éticos seguiram a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e, a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética com Seres Humanos sob nº CAAE 49537321.1.0000.8527.

3. Resultados e Discussão

O Quadro 1 apresenta a caracterização detalhada de oito crianças descritas por seus pais e/ou responsáveis legais.

Quadro 1 - Caracterização da amostra composta de crianças com TEA descritas por seus pais e/ou responsáveis legais. Brasil (n=8).

Participante	P1	P2	P3	P4	P5	P5	P7	P8
Familiar	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe
Idade do filho(a)	7 anos	7 anos	9 anos	3 anos	4 anos	11 anos	3 anos	4 anos
Sexo da criança	M	M	M	M	M	M	M	M
Cuidador principal	Pai	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe
Idade do diagnóstico	1 a 2 anos	2 a 4 anos	2 a 4 anos	1 a 2 anos	1 a 2 anos	1 a 2 anos	1 a 2 anos	Menos de um ano
Possui animal de estimação	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Adquirido**	Depois	Depois	Antes	Depois	Depois	Depois	Antes	Depois
Tempo de acompanhamento com TAA	Há mais de 2 anos	Há mais de 2 anos	Há mais de 2 anos	1 a 2 anos				
TAA auxilia na melhora na comunicação	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

*P= Participante relator; ** Adquirido antes ou depois da realização da TAA. Fonte: Autoria própria (2021).

Participaram da pesquisa 18 mães com filhos diagnosticados com TEA. O Quadro 1 apresenta a caracterização de oito crianças que por decorrência do diagnóstico realizavam no momento da pesquisa tratamento com TAA. Foram excluídas do estudo dez participantes, nove porque o critério tempo mínimo de duração de tratamento com TAA foi identificado como menor do que um ano; uma participante declarou que o filho era maior de 16 anos e o tempo mínimo de duração de tratamento com TAA foi identificado como menor do que um ano e por fim uma declarou idade do filho menor que dois anos de idade.

Através da análise do Quadro 1 pôde-se constatar que sete participantes se declararam cuidadoras principais de seus filhos. As crianças, segundo descrição das mães, têm idade entre 3 e 11 anos e foram diagnosticadas com TEA entre zero a três anos. Seis mães afirmaram a presença de animais de estimação no contexto familiar e, dessas, quatro indicaram que a aquisição do mesmo se deu após a experiência da criança com a TAA e, conseqüentemente, descreveram a positiva e benéfica interação estabelecida entre a criança e seu animal. Interação que perpassa a história da civilização humana, onde inicialmente o animal era tido como um guardião, transporte e proteção humana, mas que com a convivência e domesticação começou-se a verificar que os animais proporcionam melhora na qualidade de vida, uma vez que trazem momentos de descontração, felicidade e diminuem o sentimento de solidão (Giumelli & Santos, 2016).

Quanto ao tempo que a criança faz acompanhamento com TAA, cinco participantes declararam que o acompanhamento é feito há mais de um ano e três responderam há mais de dois anos. Em relação a como conheceram a TAA, três participantes relataram que foi através de mídias sociais e quatro por meio de recomendação de profissionais da saúde.

Com relação à melhora na comunicação, entre os oito participantes, cinco concordaram que houve contribuições positivas neste aspecto. Segundo um estudo realizado em 2019 através de entrevista semiestruturada com 25 pais ou responsáveis legais de crianças com TEA, os resultados alcançados comprovaram que o uso de cães facilita a comunicação entre o profissional da saúde e o paciente, já que ao entrar em contato com o animal o paciente se torna mais comunicativo,

descontraído, sociável e estimulado. Logo, observou-se que os cães fortalecem o progresso da criança que apresenta tal transtorno com implicações severas na comunicação e nas interações sociais (Santos, 2019).

Quanto à análise dos dados qualitativos foi possível identificar duas categorias para análise: (1) Benefícios e desafios identificados pelos responsáveis legais quanto à vivência da TAA e (2) Acompanhamentos e terapias no tratamento do TEA.

Categoria 1: Benefícios e desafios identificados pelos pais e/ou responsáveis legais quanto à vivência da TAA

No que tange a interação da criança com outras pessoas após o início das sessões com TAA, constatou-se que as mães majoritariamente relatam contribuições positivas para expressão de sentimentos e emoções (oito participantes), na interação social (sete participantes), comunicação (cinco participantes) e independência (sete participantes). Esses benefícios podem ser identificados nos relatos abaixo descritos:

“Entende melhor os comandos, trabalha a paciência e a tolerância” (Participante 01)

“Ficou com mais independência e menos medo de todos os animais em geral” (Participante 02).

“Ele começou a entender que algumas coisas podem machucar os outros, ele brinca mais e respeita mais” (Participante 03).

“Ele conseguiu expressar seu carinho de uma forma organizada, dizer eu te amo e aprender sobre autocuidados” (Participante 04).

“Acho que tem ajudado a desenvolver mais empatia, que ele não tem muito” (Participante 04).

Com relação as respostas trazidas dos pais e/ou responsáveis legais que participaram da pesquisa, é possível corroborar aos achados de Bampi (2021), visto que de acordo com a autora, as crianças com TEA na interação com o animal ficam mais atentas ao seu meio, são mais sorridentes, apresentam significativas respostas emocionais e apresentam melhor desenvolvimento afetivo, uma vez que, comumente, têm dificuldades para demonstrar emoções, sentimentos e afeto e, assim consequentemente, responder a interações sociais. Na TAA percebe-se que a criança consegue demonstrar seus sentimentos, pois se identifica com o animal.

Outras contribuições importantes relacionam-se a interação estabelecida como animal e os benefícios decorrentes dela:

“Ficou com mais independência e menos medo de todos os animais em geral” (Participante 02).

“Parece demonstrar mais afeto e carinho” (Participante 03).

“O interesse/aproximação com os animais, que antes não existia. Obs.: as melhorias que meus filhos têm tido, devem-se ao conjunto de terapias recebido, ao nosso estudo constante e ao esforço dos nossos pequenos” (Participante 07).

Segundo Machado, Rocha, Santos e Piccinin (2008), a TAA é uma prática com parâmetros específicos, que deve ser supervisionada por profissionais de saúde devidamente qualificados e os voluntários devidamente treinados. Na intervenção os animais são a parte principal do tratamento e tem por objetivo promover melhorias sociais, emocionais, físicas e/ou cognitivas em pacientes humanos. Presume-se que o amor e a amizade entre humanos e animais produzem inúmeros benefícios como a redução do estresse, sensação de solidão e diminuição da ansiedade.

Mello et al. (2022) elucidam os benefícios advindos da prática da equoterapia, ou seja, a utilização do cavalo como recurso terapêutico e, Silva, Lima e Salles (2018) descrevem a influência desse no estabelecimento dos vínculos afetivos de crianças com TEA. Salientam ainda, que o contato com a tríade (cavalo, terapeuta e condutor), permite, aos

poucos, que a criança transponha-se de um fechamento em si para uma aproximação gradual com objetos externos ao eu. Essa prática busca fazer com que as crianças com TEA saiam do seu próprio mundo podendo restabelecer a confiança no mundo externo.

Observou-se ainda, através das respostas dos pais e/ou responsáveis legais que a interação da criança com o animal foi favorecida pela TAA, de modo que seis mães descreveram terem adquirido um animal de estimação para a criança após a convivência com o animal na TAA. As falas corroboram os achados literários, visto que estudos apontam a existência de benefícios para a saúde de pessoas que convivem com animais (Mandrá et al., 2019; Potrich, 2019).

Muñoz (2014) ao trabalhar com crianças com TEA e os cães na TAA, observou que o cão pode servir como mediador da sociabilidade humana e facilitar esta relação através de certos tipos de interação social. Além de facilitar a relação social, o cão parece ter um efeito motivacional para a maioria das crianças, sendo que a mudança do padrão de comportamento das crianças durante as sessões pode ocorrer devido a emoções positivas suscitadas pelo animal.

Em relação a desafios e/ou dificuldades na percepção dos cuidadores quanto à realização da TAA, os participantes apontam que não possuem dificuldades (três participantes), e os demais apontam como dificuldades questões relacionadas a divulgação da intervenção, dificuldades financeira e de locomoção, além de questões relacionadas ao comportamento da criança com o animal.

"Meu filho ainda tem receio de gatos e cachorros que vê na rua ou se vai na casa de alguém ainda preciso pedir para prender ou levar o cachorro para outro cômodo...mas já foi bem pior e tem melhorado gradualmente" (Participante 01).

"No começo ele queria bater no gato e tinha medo da cadela, mas aprendeu a perder um pouco o medo e a respeitar os animais, acredito que o que mais melhorou foi a empatia mesmo..." (Participante 04).

"Sim. Transporte e fator financeiro" (Participante 06).

"Divulgação da existência" (Participante 07).

A literatura a respeito das dificuldades presentes na realização da TAA é extremamente escassa, voltando-se majoritariamente a apontar os aspectos positivos da intervenção. Entretanto, ressalta-se que a TAA não é indicada para paciente hospitalizados, passíveis de alergias, com dificuldades respiratórias, baixa resistência, feridas abertas e, que possuem comportamentos agressivos que podem estar machucando o animal, sendo assim, constatamos que as dificuldades estão vinculadas a singularidade do paciente (Gonçalves & Gomes, 2017).

Categoria 2: Acompanhamentos e terapias no tratamento do TEA

Em relação às terapias e acompanhamentos profissionais que fazem parte da rotina da criança, os dados colhidos trazem entre as mais abordadas pelas mães a terapia ocupacional (TO), sendo mencionada por todas as participantes. A TAA e a fonoaudiologia foram citadas por sete participantes, a psicologia por seis, a psicopedagogia por três, e entre as mencionadas uma ou duas vezes estavam a nutrição, fisioterapia, educação física e musicoterapia.

"Fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, psicopedagogia, musicoterapia, terapia com animais e educação física dirigida" (Participante 01).

"Fonoaudiologia, nutricionista, psicóloga e TO" (Participante 04).

“Diversas: Fonoaudiologia, TO, psicoterapia, psicopedagogia, TAA, fisioterapia e psicomotricidade”
 (Participante 05).

Barreto, Magalhães, Gonçalves e Andrade (2018), apontam que pessoas com TEA contam com inúmeros programas de intervenções, disponíveis em modalidades terapêuticas variadas que visam ajudar os indivíduos a desenvolverem ao máximo um comportamento funcional, que permita, na medida do possível, tornarem-se mais independentes, diminuindo o desgaste físico e emocional.

A TAA caracteriza-se como uma intervenção direcionada e individualizada, realizada por profissionais da área da saúde, com objetivos claros, dirigidos e critérios específicos, no qual o animal é parte integrante do processo do tratamento, que visa desenvolver e/ou aprimorar aspectos sociais, físicos, emocionais e cognitivos das pessoas envolvidas (Nogueira & Nobre, 2015).

A fonoaudiologia e a música neste contexto podem atuar em conjunto, buscando o aprimoramento de aspectos relacionados à comunicação, linguagem, socialização e aspectos emocionais, também podem ser trabalhados aspectos relacionados à memória, imitação, atenção e aprendizagem (Castro, 2019).

O Quadro 2 apresenta a caracterização dos sete profissionais da área da saúde e/ou educação que realizam as intervenções com crianças visando o desenvolvimento psicomotor e social afetivo destas e conseqüentemente de suas famílias, visando qualidade de vida e bem-estar do sistema familiar.

Quadro 2 - Caracterização da amostra de profissionais da área de educação e/ou saúde que atuam com crianças com diagnóstico de TEA. Brasil (n=7).

Profissionais/ Participantes	Fisio	Pedagoga	Psicopedagoga	Fisio	Psicóloga	Fisio	Psicóloga
Tempo de atuação/ experiência com TAA	1 ano	3 anos	4 anos	10 anos	8 anos	26 anos	5 anos
Possui certificação para trabalhar com TAA	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Tempo de atuação da área	3 anos	9 meses	17 anos	10 anos	19 anos	32 anos	19 anos
Participou de uma sessão de TAA com crianças com TEA	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
A TAA auxilia na interação social	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
A TAA auxilia na independência	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
A TAA auxilia no autocuidado	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

*Fisio – fisioterapeuta. Fonte: Autoria própria (2021).

No que se refere a atuação profissional identificou-se, com base no Quadro 2, que trabalham com TAA, três fisioterapeutas, dois psicólogos, uma psicopedagoga e uma pedagoga. A média do tempo de atuação na área de formação profissional foi entre nove meses a 32 anos. Entre os sete participantes, cinco descreveram certificação para trabalhar com TAA, com tempo de experiência em média de 1 a 26 anos. Todos os participantes responderam que já participaram de uma

intervenção de TAA com crianças com TEA. Ainda, no que tange às terapias e acompanhamentos profissionais identificou-se que a terapia ocupacional foi a mais citada, seguida fonoaudiologia, psicopedagogia e nutrição. Os profissionais são unânimes em identificar que a TAA favorece a interação social, a independência e o autocuidado em crianças com TEA.

Quanto a análise dos dados qualitativos foi possível identificar três categorias para análise: (1) Alterações comportamentais e de linguagem identificadas pelos profissionais, (2) Benefícios e contribuições identificados pelos profissionais quanto a vivência da TAA e (3) Dinâmica das sessões de TAA com crianças em condição de TEA.

Categoria 1: Alterações comportamentais e de linguagem identificadas pelos profissionais

Em relação às mudanças percebidas pelos profissionais referente às crianças que iniciam sessões de TAA, dos sete profissionais entrevistados, três relataram que houve melhora na comunicação social e ou emocional, como podemos observar nos relatos a seguir:

“Relação afetiva entre o praticante e o animal. Melhora na comunicação tanto social quanto emocional, além das questões de sensibilidade tátil, visual, auditiva, olfativa, melhorando a integração sensorial e motora” (Participante 01).

“Melhor vínculo com o terapeuta, contato visual, melhora na comunicação e nas relações sociais” (Participante 03).

“Melhorou a concentração, a agitação, correção de marcha digitigrada, diminuição dos movimentos estereotipados, iniciação a fala e comunicação, melhora do sono e da atenção” (Participante 04).

Segundo Gomes et al. (2020), a TAA é extremamente importante para os familiares de crianças com TEA, os quais buscam uma melhora na qualidade de vida desta. A TAA é eficaz e está ligada ao aumento significativo da interação social e contato da criança com TEA. Os autores relatam aumento no alcance da atenção e concentração de tópicos e as interações sociais têm impacto na dinâmica e nas habilidades do grupo, podendo ser estendido para outros ambientes interativos. Para Roma (2016), os cães podem efetivamente promover a aquisição e o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e cognitivas, assim como podem facilitar o desenvolvimento de métodos espontâneos, comunicação e o desenvolvimento de relações afetivas

De acordo com Carvalho (2014), crianças com TEA apresentam uma diminuição dos sintomas quando acompanhadas por um cão, desta forma passam a interagir mais com o terapeuta e o ambiente. A autora acredita que os cães vão estimular os indivíduos a serem capazes de participar e desfrutar das interações sociais.

Ainda em relação às mudanças percebidas pelos profissionais referente às crianças que iniciam sessões de TAA, observa-se que dois participantes mencionaram sensibilidade e, maior aceitação de contato físico após as sessões com TAA. Também foram identificados em quatro participantes, relatos associados a mudanças nos aspectos sócio afetivo, sensorial, regras, limites, melhora no equilíbrio e na perspectiva sensorial, conforme relatos abaixo:

“Posso citar a sensibilidade ao tocar no animal, o pelo o incomodava e as lambidas igualmente, dificultando a aproximação em casa dos animais com os quais convivia. Com as sessões foi criando uma aproximação com as atividades de pareamento no colete do animal...até que o paciente foi aos poucos tocando no pelo sem grandes problemas, a lambida acontecia assim que eu pedia para dar comida ao cão pois o mesmo estava com fome, sendo assim gradualmente foi dessensibilizando o tato ao ser lambido. Com isso passou a aceitar melhor os cães que faziam parte da família sem o transtorno de antes” (Participante 2).

“Melhora da fala e maior aceitação de contato físico” (Participante 07).

“Melhora nos aspectos sócio afetivo, sensorial, regras e limites” (Participante 05).

“Apresentou melhora no equilíbrio e na marcha, no aspecto sensorial e no vínculo com o terapeuta e com o cavalo” (Participante 06).

De acordo com Lima e Souza (2018), a intervenção com o animal contribui para a melhora do relacionamento, facilitando a comunicação entre o profissional da saúde e o paciente, pois através do toque no animal, este se mostra mais desinibido, sociável e estimulado. O toque/carícia do coterapeuta pode desencadear a sensação de ser amado e amparado. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Carvalho (2014), visto que particularmente em crianças com TEA os cães podem proporcionar ao paciente senso de autonomia, valor próprio e melhor reconhecimento de si. Embora muitos pacientes não falem e não gostem do toque, a cinoterapia pode melhorar as habilidades de comunicação e sensibilidade

A TAA é um tipo de intervenção em que os animais são parte indispensável do processo de tratamento e promovem a melhora das funções físicas, sociais, emocionais e cognitivas. Por meio desse método de tratamento, áreas relacionadas ao desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento sensorial, distúrbios físicos e emocionais podem ser tratados (Duarte et al., 2017). A equoterapia utiliza a similaridade entre o ritmo do movimento do animal e do ser humano de forma que permite, durante a cavalgada, o fortalecimento da musculatura de pacientes com habilidade limitada de funções motoras (Machado et al., 2008).

Também identificou-se como que a TAA auxilia a criança em condição de TEA em relação comunicação e linguagem. Dos sete profissionais, três relataram sobre a comunicação.

“Através dos comandos que ensinamos às crianças a fazerem com os cães, por exemplo a contação de história. Ao perceber que o cachorro não estava em setting terapêutico era preciso que o paciente perguntasse sobre ele, pedisse ajuda para encontra-lo a quem passasse. Inúmeras são as formas de estimular a comunicação e linguagem com a utilização do cão” (Participante 02).

“Na equoterapia os movimentos tridimensionais do cavalo proporcionam impulsos elétricos que são enviados ao cérebro aumentando as sinapses neuronais auxiliando a fonoaudiologia na construção e aprendizado da comunicação e linguagem” (Participante 04).

“Oferecendo formas alternativas de comunicação; o cão também ajuda a modular o estresse da criança tornando a comunicação mais fácil durante a sessão” (Participante 07).

Segundo Gomes et al. (2020) a TAA trouxe benefícios para crianças com TEA ao praticar atividades com cães, tais como aumento da interação e a comunicação do paciente, diminuição dos comportamentos problemáticos e estresse. O cão quando introduzido na relação entre o paciente e o terapeuta faz o papel de um mediador para ajudar a servir como uma fonte de comunicação entre a criança e o terapeuta (Marinho & Zamo, 2017). Para Lima e Souza (2018), a intervenção do animal contribui para um melhor relacionamento, facilitando a comunicação entre o profissional da saúde e o paciente, pois em contato com o animal, este se demonstra mais desinibido, sociável e estimulado.

Outros quatro profissionais consideram que a TAA auxilia nos aspectos da comunicação e linguagem, devido seu caráter lúdico e pela presença do animal que torna o ambiente mais prazeroso e estimulante. Conforme observa-se os relatos abaixo:

“A relação de pessoa/animal nos traz inúmeros benefícios. É um tratamento de forma completamente lúdica saindo totalmente do cotidiano, ambiente diferente, mudança de cenário e sons diferentes em todo o momento” (Participante 01).

“Através da interação do cão, dando comandos para o cão e interagindo com ele” (Participante 03).

“Através das atividades realizadas durante a sessão, e através dos estímulos auditivos que o ambiente da equoterapia oferece” (Participante 05).

“Pelo estímulo que o terapeuta dá durante a sessão, o ambiente e o cavalo” (Participante 06).

Percebe-se que o cão auxilia o psicólogo no significado do inconsciente, trabalhando assim de uma forma lúdica, aparecendo as fantasias, desejos e experiências vivenciadas, sendo importantes para que o paciente perceba os seus conflitos psíquicos. O lúdico contribui no desenvolvimento da cognição, emoção e movimento de crianças e adolescentes, este impacto é originado pela interação entre humanos e animais (Bampi, 2021). O clima lúdico é capaz de promover uma sessão de TAA mais prazerosa, tendo um potencial de facilitar a dificuldade de emoções positivas (Roma, 2016).

Segundo Vivaldini (2011), há uma interação entre o paciente e o animal, através do contato proximal ou distal (sorriso, olhar), desempenho adotado na atividade proposta pelo terapeuta e tipo de contato com o animal. O traço comportamental do cão em olhar em direção ao rosto do paciente proporciona um reforçamento na interação do animal com o paciente, pois para os estudiosos o olhar está associado ao interesse do ouvinte e desperta a sensação de estarmos sendo compreendidos e aceitos (Roma, 2016).

A equoterapia faz uso de cavalos como recurso de tratamento com conhecimento científico, busca obter benefícios físicos e/ou psicológicos no tratamento de pessoas com deficiência. Existem muitas indicações para os métodos de tratamento, como promoção do equilíbrio, resposta do corpo ereto, consciência espacial, propriocepção, estimulação visual e auditiva. (Mello, Silva, Trigueiro & Oliveira, 2018). Para Gomes et al. (2020), a equoterapia levou a uma mudança significativa no funcionamento social do que a educação habitual. Foi identificado que intervenções a cavalo podem ser benéficas para crianças não-verbais de baixo funcionamento com TEA.

Os praticantes de equoterapia obtêm ao andar de cavalo estímulos que chegam ao sistema nervoso central por meio da ativação dos receptores do sistema proprioceptivo, contribuindo assim, para o amadurecimento do movimento sensorial, proporcionando a aquisição do equilíbrio, ajuste da postura, coordenação do movimento e movimento preciso (Pierobon & Galetti, 2008).

Categoria 2: Benefícios e contribuições identificados pelos profissionais quanto a vivência da TAA

No que diz respeito aos benefícios do TAA, quatro dos participantes destacaram o aspecto da socialização como uma contribuição positiva, conforme observa-se os relatos abaixo:

“Estímulo diferente, empatia, percepção do outro no espaço, aumento da autoestima, interação com o próximo no tempo da criança e do animal” (Participante 02).

“A facilidade de se conectar com o cão, reforçar vínculo, segurança e afetividade” (Participante 03).

“Benefícios como socialização, independência, aspectos sensorio motor, regras e limite” (Participante 05).

“A TAA ajuda principalmente a deixar a criança mais confortável para interagir” (Participante 07).

Nogueira e Nobre (2017), apontam que a TAA promove socialização e afetividade, além de contribuir para o desenvolvimento de vínculos, promove a interação social da criança, através de aumento de regras sociais como a saudação e a despedida, a capacidade de imitação de gestos, a reciprocidade emocional, a expressão de sentimentos e emoções.

Na sequência, observa-se que três profissionais mencionam o desenvolvimento sensorio motor, o que pode ser confirmado com os relatos abaixo:

“Em aspecto geral em relação social, motora e cognitivo, desenvolvimento de esquema corporal; melhora da postura e equilíbrio; coordenação motora; estruturação espacial, auxiliando a situar-se no meio que se vive e a estabelecer relações; orientação temporal relação do tempo e espaço” (Participante 01).

“Benefícios como aspecto sensório motor, independência, regras e limites” (Participante 06).

Segundo Duarte et al. (2017), o TAA facilita avanços em dimensões como: a coordenação motora e segurança. De acordo com Pierobon e Galetti (2008), com relação a equoterapia, os movimentos tridimensionais que agem sobre o corpo do praticante ajudam a desenvolver tônus e força muscular, flexibilidade, relaxamento, consciência corporal, equilíbrio e coordenação motora.

Categoria 3: Dinâmica das sessões de TAA com crianças em condição de TEA

No que refere-se a escolha dos aspectos que serão trabalhados nas sessões de TAA, seis participantes responderam que realizam uma avaliação para determinados aspectos trabalhados. Destas, uma especificou ser uma avaliação fisioterapêutica e duas uma avaliação psicopedagógica com a utilização do teste PEP-R. Conforme observa-se os relatos abaixo:

“E para saber o que mais precisa para aquele momento é feito avaliação. De acordo com o último protocolo que trabalhei era feito em três sessões utilizando o PEP-R que é um teste que mede o desenvolvimento psicoeducacional da criança, mostrando suas habilidades e comportamentos esperados de acordo com a idade, caso o paciente não atinja o percentual esperado, é aí que desenvolvemos atividades que possibilitem este desenvolvimento, que é feito de forma controlada...” (Participante 02).

“A escolha se dá através de uma avaliação psicopedagógica do paciente” (Participante 03).

“Os aspectos trabalhados serão determinados através da avaliação fisioterapêutica realizada” (Participante 04).

“Através da avaliação inicial será determinado os objetivos a serem trabalhados, aspectos como: regras e limites, socialização, cooperação, autoconfiança, independência, atenção, etc” (Participante 05).

“Após a avaliação será elaborado os objetivos específicos para cada praticante, como por ex.: trabalho de postura, equilíbrio, sensorial, coordenação motora etc” (Participante 06).

“Faço uma avaliação individualizada e detalhada antes de começar o tratamento. Utilizo observações, testes padronizados e entrevistas com os pais” (Participante 07).

Segundo Potrich (2019), os objetivos que serão desenvolvidos nas sessões devem ser pensados pelos profissionais de saúde ou de educação, com base nas condições da criança, suas limitações e necessidades identificadas. Podendo ainda, ser trabalhadas necessidades apontadas pela família em seu cotidiano ou por outros cuidadores que auxiliam no cuidado da criança.

Devido aos diversos níveis de comprometimento que podem haver quanto às habilidades sociais, comunicação, comportamentos restritos e psicomotores das crianças com TEA, é fundamental a realização de uma avaliação antes de qualquer intervenção, pois essa avaliação irá orientar os profissionais a respeito de como agir para estimular e desenvolver das carências de cada indivíduo (Silva & Elias, 2020). Para um dos profissionais entrevistados o aspecto que deve ser trabalhado no primeiro momento da TAA é a interação. Segundo Participante 01, *“aspectos trabalhados inicialmente são a interação o relacionamento entre o praticante e o meio, após isso trabalha-se a relação e os cuidados com o animal na parte de alimentação higiene, antes a após o uso.”*

Potrich (2019) ressalta que, nas primeiras sessões, os objetivos de um programa de IAA, do qual a TAA faz parte, é trabalhar apenas a aproximação, sensibilização, criação de vínculo e confiança da criança com o animal e os profissionais envolvidos. Ainda segundo a autora, esse momento inicial é de aproximação e reconhecimento do ambiente pela criança, sendo um momento para ela se familiarizar com o cenário da intervenção. Esse momento deve ser respeitado de acordo com a necessidade da criança, não havendo uma duração específica, podendo durar apenas uma parte da sessão ou, até mesmo, as primeiras sessões.

Outro ponto importante destacado por uma das participantes relaciona-se a avaliação do perfil do animal, conforme observa-se no relato: *“É fundamental avaliar o perfil do cão e do condutor também”* (Participante 07).

Mendonça, Silva, Feitosa e Peixoto (2014) destacam dois importantes fatores para que um cão participe do TAA. O primeiro é a realização de uma seleção do perfil do animal e em segundo é que haja uma preocupação e cuidado com a saúde do mesmo. Desta forma, as autoras sugerem que a avaliação seja realizada por três profissionais, sendo eles: um veterinário, com objetivo de verificar a saúde física do animal; um psicólogo especializado em comportamento animal, para avaliar o comportamento quanto à socialização, obediência e temperamento e, por último um adestrador, responsável pelo adestramento, a fim de ensinar como se comportar e usar técnicas e habilidade para lidar com os pacientes que irão participar. Somente após este treinamento é que o animal estará apto a começar o treinamento com seu proprietário ou condutor da TAA.

No que tange o registro e a devolutiva aos familiares referentes à evolução dos aspectos trabalhados, cinco das participantes responderam que realizam suas anotações em ficha, prontuários e registros com fotos e vídeos. Conforme observa-se nos relatos abaixo:

“...Através de uma ficha é anotado as atividades que naquele semestre serão desenvolvidas. A devolutiva é feita mostrando o que foi necessário trabalhar com o paciente de acordo com o PEP- R, sua evolução e quais as atividades ainda serão trabalhadas caso necessite” (Participante 02).

“O registro é feito através de fotos, vídeos, descrição e devolutiva para os pais”(Participante 03).

“Após isso identifico as necessidades do paciente que serão registrados na ficha de avaliação. As devolutivas são realizadas após seis meses aproximadamente do início do tratamento, onde a criança é reavaliada. Está devolutiva é feita presencialmente com os pais ou responsáveis e entregue digitalizada” (Participante 04).

“Registro é feito através de um prontuário eletrônico oferecido pela instituição em que trabalho. Orientações são dadas sempre que necessário, porém é realizado anualmente uma devolutiva aos responsáveis” (Participante 05).

“Sempre que necessário é feita a devolutiva, como também todo final de ano. O registro é feito pelo prontuário eletrônico após cada sessão” (Participante 06).

Segundo Potrich (2019) é fundamental realizar um controle de anotações, ou seja, as notas de campo, devendo conter os registros sobre o progresso da sessão, do alcance dos objetivos propostos, das intercorrências e possíveis mudanças de atividade durante a sessão, da interação da criança com o animal, reações expressadas e demais informações que permitam avaliar o andamento das sessões. Os registros podem ser complementados com fotográficas e possibilitam evidenciar, sobretudo, os comportamentos e a comunicação da criança, servindo ainda como forma dos pais/familiares ou cuidadores acompanhar as atividades desenvolvidas.

4. Considerações Finais

A Terapia Assistida por Animais é uma intervenção que tem apresentado significativas contribuições as crianças, familiares e demonstrado aos profissionais a eficácia do uso da mesma. É importante salientar a importância do trabalho interprofissional e o apoio das famílias neste processo.

Identificou-se que tanto os familiares quanto os profissionais trouxeram perspectivas semelhantes voltadas aos benefícios das intervenções em TAA, apontando que a interação homem- animal, tem grande potencialidade terapêutica, uma vez que auxilia em relação a socialização, comunicação, independência, autonomia, manifestação afetiva e motricidade. Deste modo, este estudo contribui ao avanço científico, a qualidade de vida e bem-estar de pessoas com TEA seus familiares e, oferece informações a profissionais que atuam com este grupo específico.

Por fim, sugere-se que novos estudos de campo possam ser desenvolvidos quanto a esta temática junto a familiares e profissionais da área no intuito de aprofundar as formas e benefícios das intervenções que utilizam animais, visto sua relevância ao desenvolvimento biopsicossocial da criança.

Referências

- APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. American Psychiatric Association. Ed. Artmed.
- Bampi, J. K. (2021). *A terapia assistida por animais e crianças com transtorno do espectro autista*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Barreto, I. S., Magalhães, C. G. de, Gonçalves, D. T., & Andrade, A. A. (2013). Processos de intervenção para crianças e adolescentes com Síndrome de Asperger: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 132-143.
- Carvalho, I. A. de. (2014). *Cinoterapia como recurso terapêutico para crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão assistemática da literatura*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Castro, B. S. A. (2019). *Interfaces entre Fonoaudiologia e Musicoterapia na interação social e linguagem no Transtorno do Espectro do Autismo*. Monografia, Curso de Pós Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Cerqueira, C. T. da C., & Costa, C. L. de A. (2019). Atuação da equoterapia no transtorno do espectro autista. *Revista Ciência e Conhecimento*, 13(2), 65-91.
- Duarte, M. T. N., Nobre, M. de O., Rodríguez, R. de C. M. C., Szortyka, A. L. S. C., Krug, F., Gorgen, E. S., Kramer, A. R. B., Santos, V. de G., Hertzberg, J. C., & Severo, T. S. de. (2017). O cão como aspecto motivador de crianças com transtorno do espectro autismo. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 1(1), 280-283.
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestaltica*, 22(1), 49-58.
- Gomes, E. dos S., Vieira, I. dos S., Silva, K. F., Teixeira, T. K. dos S., Mesquita, K. S. F., & Melo, G. B. (2020). Desenvolvimento das habilidades sociais em crianças autistas que possuem contato com animais. *Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS*, 6(2), 101-113.
- Gonçalves, J. O., & Gomes, F. G. C. (2017). Animais que curam: a terapia assistida por animais. *Revista UNINGÁ Review*, [S.l.], 29(1), 204-210.
- Lacerda, J. R. (2014). *Efeitos da participação de um cão em sessões de terapia sobre o comportamento social de crianças com autismo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Lima, A.S., & Souza, M. B. (2018). Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 12(10), p. 224-241.
- Machado, J. de A. C., Rocha, J. R., Santos, L. M., & Piccinin, A. (2008). Terapia Assistida por Animais (TAA). *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, 7(10), 10-17.
- Mandrá, P. P., Moretti, T. C. da F., Avezum, L. A., & Kuroishi, R. C. S. (2019) Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. *CoDAS*, 31, (3), 1-13.
- Marinho, J. R. S., & Zamo, R. de S. (2017). Terapia assistida por animais e transtornos do neurodesenvolvimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(3), 1063-1083, dez.
- Mello, B. L. C., Guimaraes Júnior, J. C., Ribeiro, V. F., Braga, F. C., Sales, R. L., Silva, E. F., Triches, J. C., Paula, W. S., & Soares, A. C. P. (2022). A importância da equoterapia para o transtorno do espectro autista. *Research, Society and Development*, 11(4), e23911427263.
- Mello, E. M. C. de L., Silva, G. L. dos S., Trigueiro, R. Z., & Oliveira, A. L. de S. (2018). A influência da equoterapia no desenvolvimento global na paralisia cerebral: revisão da literatura. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 12-27.
- Mendonça, M. E. F., Silva, R. R., Feitosa, M. J. S., & Peixoto, S. P. L. (2014). A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Ciências Biológicas e da Saúde*, 2(2), 11-30.

Muñoz, P. de O. L. (2014). *Terapia assistida por animais - Interação entre cães e crianças autistas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Nogueira, M. T. D., & Nobre, M. O. (2015). Terapia assistida por animais e seus benefícios. *PUBVET*, 9(9), 414-417.

Pierobon, J. C. M., & Galetti, F. C. (2008). Estímulos sensorio-motores proporcionados ao praticante de equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, 12(2), 63-79.

Portes, J. R. M., & Vieira, M. L. (2020). Coparentalidade no contexto familiar de crianças com transtorno do espectro autista. *Psicologia em Estudo*, 25 (e44897), 1-17.

Potrich, T. (2019). *Intervenção assistida por animais no cotidiano de cuidado à criança com transtorno do espectro autista e sua família: contribuições para a promoção da saúde e a enfermagem*. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Roma, R. P. da S. (2016). *A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro do autismo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Santos, T.S. (2019). Benefícios da terapia assistida com cães no autismo infantil. *Jornal de Ciências Biomédicas e Saúde*, 4(3).

Silva, A. S. M., Lima, F. P. S. de, & Salles, R. J. (2018). Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 38(95), 238-250.

Silva, C. C., & Elias, L. C. dos S. (2020). Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática. *Avaliação Psicológica*, 2(19), 189-197.

Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.

Souza, V.R.S., Marziale, M.H.P., Silva, G.T.R., & Nascimento, P.L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paulista de Enfermagem (São Paulo)*, 34(eAPE02631), 1-9.

Vivaldini, V. H. (2011). *Terapia Assistida por Animais: uma abordagem lúdica em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual*. Dissertação de mestrado, Curso de Psicologia da Saúde, Faculdade de Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Brasil.